



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8970 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

PENSAMENTOS EM GINGA: O ENSINO DE FILOSOFIA EM DIÁLOGO COM A
CAPOEIRA ANGOLA

Felipe Araujo Fernandes - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

PENSAMENTOS EM GINGA: O ENSINO DE FILOSOFIA EM DIÁLOGO COM A CAPOEIRA ANGOLA

Resumo: Partimos do pressuposto de que a Filosofia não é uma disciplina meramente teórica, presa ao “Mundo das ideias” como é comumente vista. Mas que deve estar presente no mundo real, enfrentando os problemas reais da vida e apresentando, assim, os conceitos como “ferramentas de combate” para lidar com esses “problemas-adversários”. Desse modo, entendemos a filosofia como algo em movimento e não estático, uma atividade prática e útil, tal como uma arte marcial, uma vez que possui uma esfera inventiva e, ao mesmo, tempo combativa.

Sendo assim, nos interessa recorrer aqueles que se debruçaram sobre essas “artes da lutar”, de enfrentar as dificuldades da vida, que são os mestres e mestras das Artes Marciais, no caso, da Capoeira Angola, tão importante e forte na cultura brasileira.

Este trabalho busca assim recorrer à Capoeira Angola absorver alguns elementos pedagógicos presentes na sua “pedagogia” para refletir a pertinência deles no contexto do ambiente escolar formal, no âmbito das aulas de Filosofia, especialmente no Ensino Médio da Rede Pública. Propomos uma “ginga” do pensamento, no sentido de mobilizar os estudantes para colocar os pensamentos em movimento e estimular formas de lidar com as adversidades da vida real, tal como os artistas marciais, os “capoeiras”.

Palavras-chave: Ginga, Capoeira Angola, Filosofia, Ensino.

É muito comum, quando pensamos no trabalho do filósofo, imaginarmos a figura de um intelectual, dentro de uma biblioteca, cercado por livros e mergulhado em suas reflexões. O trabalho filosófico, muitas vezes, é tido como um trabalho meramente intelectual, teórico, por vezes, até afastado do mundo real, das coisas terrenas.

Essa imagem estigmatizada do filósofo invade a sala de aula. De modo que os alunos veem a Filosofia como algo estranho a eles, esquisito mesmo, quase coisa de maluco, de quem vive no “mundo da lua”. Assim, a Filosofia parece não ter muita utilidade, uma vez que estamos tão acostumados a resolver os problemas do mundo de modo pragmático, sem muita

profundidade teórica.

É interessante pensar que isso não acontece com as outras disciplinas, ainda que elas sejam igualmente teóricas. A matemática, por exemplo, exige uma grande capacidade de abstração. Mas, ainda assim, parece mais próxima de nós. Por mais que muitas vezes os professores escutem a frase: Quando eu vou usar isso na minha vida?

Ou seja, parece que o estudo de um tema parece se limitar a sua aplicabilidade prática. E não em como vamos nos desenvolver durante o processo de aquisição desse conhecimento. Isso se potencializa à medida que na sociedade em que vivemos a tecnologia evolui e cada vez está mais fácil acessar informações e conhecimentos. Para muitos estudantes não parece fazer sentido ter que “perder” tanto tempo na escola para aprender coisas que estão de fácil acesso no Google.

Mas, esse pensamento não está só nos alunos. Há professores que defendem essa hipótese; de que a escola perdeu um pouco seu sentido. Assim, o educador é muitas vezes reduzido a um mediador ou facilitador para acessar essas informações.

Nós seguimos outra linha. Para nós, os conteúdos apresentados em sala de aula são apenas uma pequena parte do processo ensino-aprendizagem. O mais importante não está no conteúdo em si, mas nas habilidades e competências que os estudantes adquirem-desenvolvem quando lidam com esses conteúdos. Por exemplo, quando na aula de matemática se ensina a fórmula de Bhaskara, por mais que os alunos não usem isso.

A questão central, ao nosso ver, está precisamente nas habilidades que esse estudante vai desenvolver durante esse processo. A “ginástica mental” que ele precisa fazer para aplicar a fórmula e responder os problemas matemáticos propostos naquela aula.

O mesmo acontece com a Filosofia. Se um aluno nos perguntar para que ele vai usar na vida dele o conceito de *Dasein* em Martin Heidegger ou de *Aufklärung* em Immanuel Kant, dificilmente poderemos apontar a situação exata. Talvez haja estudiosos de Filosofia que nunca usaram isso em suas vidas. Em verdade, a maioria das pessoas sequer já ouviram esses conceitos e viveram suas vidas, alguns até considerados pessoas de sucesso.

Contudo, se vermos o estudo sobre esses conceitos não apenas como meras informações, mas, se pensarmos quais habilidades desenvolvemos no processo de usar o instrumental teórico desenvolvidos pelos diversos filósofos, certamente extrairemos muito mais proveito.

Nossa defesa é a de que a filosofia deve ser vista como uma atividade prática, primeiramente. Ou seja, os filósofos criaram os conceitos para lidar com os problemas reais de sua época. Assim como fazem as ciências e as artes. Os conceitos filosóficos são como ferramentas. E foi manuseando ferramentas que o ser humano se desenvolveu e se diferenciou dos outros animais. Inventar e manipular ferramentas nos fez evoluir, e à medida que íamos evoluindo, produzíamos ferramentas mais avançadas. Desde as primeiras pedras lascadas até os celulares avançados e a internet, houve uma troca entre nossas mãos e corpos, de modo que trabalharam em parceria para se sofisticarem e produzirmos o mundo que temos hoje.

Assim, não vemos a atividade filosófica como algo apenas da mente, do cérebro. Assim como a Educação Física não é uma atividade meramente corporal. Teoria e prática não devem ser divorciadas. Tal como corpo e mente não devem ser reparados.

Gostamos de provocar os estudantes dizendo que a filosofia é uma atividade física. Ninguém que tem uma vida sedentária vai, de repente, conseguir correr em uma maratona. É

preciso treino, prática. E, assim como é comum nas atividades físicas começar com um aquecimento e o alongamento, na Filosofia não é muito diferente. Alguns filósofos dedicaram anos de suas vidas para dar soluções a problemas importantes. Para alguns já conseguimos respostas, para outros não. Se nos incomodamos com esses problemas e queremos mudar a situação, então, devemos dar os primeiros passos nessa caminhada.

Assim, estudar os filósofos é apenas uma preparação. A gente “queima a cabeça” estudando os conceitos desenvolvidos pelos filósofos do passado e os problemas que eles buscavam solucionar porque isso serve como um aquecimento, um alongamento, para nossa mente ir se tornando mais apta a lidar com os problemas de hoje e os conceitos que eventualmente desenvolveremos para lidar com eles. Começamos “aquecendo” e “alongando” a mente, para, em pouco tempos conseguirmos estar com um “condicionamento” mental mais bem desenvolvido.

Assim, uma das melhores imagens para fugir da ideia de que o filósofo é uma atividade meramente teórica é a do artista marcial. Afinal, o trabalho do filósofo possui igualmente essas duas naturezas; a artística e a marcial.

O trabalho de criar conceitos filosóficos exige criatividade, para criar os conceitos e marcialidade, porque esses conceitos são como armas, instrumentos de combate, como defende Deleuze. Os conceitos não são apenas palavras no mundo das estrelas. Devem ser coisas da Terra, com o pé no chão, tratando das questões reais da vida.

E, nesse sentido, a Capoeira tem um papel de destaque, porque é uma arte marcial totalmente enraizada com os problemas reais do Brasil. É uma luta que literalmente produziu ferramentas para combater as opressões, as injustiças, na luta pela liberdade. A Capoeira Angola guarda um conjunto de fundamentos que possuem uma pedagogia muito importante de ser estudada, em especial por nós brasileiros.

Fala-se muito nas discussões pedagógicas da importância do círculo, da roda, quando se pretende uma aula calcada na igualdade, quando se busca fugir de uma pedagogia burocrática, que não dá voz aos estudantes.

Só por isso já valeria a pena estudar o papel central que tem a roda para a Capoeira, inclusive em seu processo pedagógico. A roda garante esse ambiente de escuta ativa compartilhada, ou seja, um ambiente onde todos estão atentos aos outros. Isso não quer dizer que as hierarquias sejam atropeladas, elas seguem sendo importantes na Capoeira, como por exemplo, a figura do mestre, que em geral é quem define o ritmo dos toques que vão conduzir o jogo. O mestre é o “maestro” que rege aquela orquestra.

Duas pessoas estão jogando, no ritmo do berimbau, mas, todos na roda estão participando, seja respondendo ao cantar o coro, seja batendo palma, seja observando, seja tocando instrumentos. Sempre estão atentos para saber a hora de jogar. Assim a roda gira, por mais que permaneça “parada” no mesmo lugar.

Por vezes, alguns educadores até fazem aulas com rodas, mas, a roda se limita a uma construção espacial e não uma “postura filosófica” como é no caso da Capoeira. Nesses casos, é possível que mesmo com uma roda o centro das atenções seja tão somente o professor ou a tarefa que ele passou. Da mesma forma que é possível que haja professores que usem a tradicional posição de uma carteira atrás da outra, mas, mesmo assim, construa um ambiente em que os alunos falem e se escutem, em que o pensamento circule durante a aula.

Assim, vemos que “aula em círculo” não se trata apenas de uma organização espacial das cadeiras e mesas. Mas, de uma decisão de ter durante a aula o que chamamos aqui de

“escuta ativa compartilhada”. Assim, o papel do mestre é fundamental. Ele não é apenas o “mediador” da informação. Ele é aquele que possui maestria em conduzir a aula (e a roda) de modo que o que realmente importa esteja sempre presente (ou, quanto mais o possível, visto as muitas adversidades do educar).

Outro elemento interessante da Capoeira Angola, que tem ralações com a Filosofia, é que muita gente questiona porque na capoeira o golpe “nunca bate”. Novamente vem a questão do pragmatismo-utilitarismo que governa mundo. Como se eu só devesse aprender aquilo que preciso usar a todo momento.

Se fosse assim, a capoeira poderia acabar, bem como a maioria das artes marciais. Afinal, no mundo de hoje em que existem armas de fogo dificilmente saber plantar bananeira ou “fazer estrelinha” (Aú) vai te salvar de uma situação real de combate. Por essa lógica, não faz sentido aprender a lutar, se a tecnologia nos oferece armas.

Contudo, assim como em uma aula de Filosofia, quando um mestre de capoeira ensina alguém a dar um determinado chute (como a meia-lua), o chute não é o que há e mais importante. Há por traz daquele movimento coisas muito mais importantes a serem aprendidas. A meia-lua é apenas um “dispositivo corporal”, uma ferramenta, que vai ser usada pelo mestre para transmitir o legado da arte marcial.

Assim, praticar uma arte marcial não é memorizar uma sequência de golpes. Primeiro porque isso dificilmente funcionaria em uma situação real de combate, afinal, seu adversário não está lá parado esperando você fazer o que bem quiser com ele. Segundo porque no mundo em que vivemos a maioria dos problemas não são resolvidos apenas sabendo dar socos e chutes.

Tanto na capoeira quanto na filosofia, os problemas mudam, estão em movimento. Logo, as ferramentas que produzimos para enfrentar eles também devem mudar, sempre que necessário.

Mas, para eu criar minhas próprias ferramentas, meus próprios golpes, eu terei primeiro de ter “humildade” e praticar os “golpes” que o mestre me ensina. Porque eles irão desenvolver “habilidades e competências” que me tornarão apto a lidar com os adversários-problemas reais. Eu treino o “chute e o soco” repetidamente, para que eu desenvolva minha arte-marcialidade.

A arte marcial, portanto, não se limita ao combate físico corporal. Ela vai muito além. Ser um artista marcial é saber lidar com as adversidades de forma artística e marcial. É um exercício de desenvolvimento interpessoal, porque você se desenvolve na medida em que se relaciona com os outros e com o mundo. A roda de Capoeira prepara para a vida. É uma escola, onde podemos nos desenvolver.

Novamente, a Capoeira Angola tem muito a nos ensinar. Afinal, ela é uma arte marcial que sempre lutou pela liberdade de seus praticantes. E não lutou apenas fisicamente, embora isso também tenha ocorrido. Ela lutou em várias esferas para conseguir sobreviver em um mundo tão hostil aos negros, aos pobres, aos oprimidos. Por isso confiamos que ela tem uma forte relação com nossos estudantes. Afinal, eles são em sua maioria negros, da classe trabalhadora e, portanto, vivem as opressões da sociedade em que vivemos.

Dizer para eles que há uma “filosofia” por traz da capoeira é muito importante. Porque assim eles conseguem entender mais facilmente o papel ativo, vivo, “útil” da Filosofia. É preciso ver os mestres e mestras da capoeira como pessoas que desenvolveram ferramentas teóricas, uma ciência e uma arte de guerra. Assim como há filósofos que interviram no

mundo real, não se limitaram a ficar refletindo sobre os problemas.

Assim como Kant afirmou que “não se ensina Filosofia, mas a filosofar”. O mesmo serve para a capoeira: Não se ensina “a ginga, mas a gingar”. Mas, isso se faz na prática, no exercício real, tentando; errando e acertando. Olhando os mais velhos, vendo e ouvindo os mestres. O mestre tem um papel fundamental, por mais que essa palavra tenha quase que sido expulsa dos vocabulários dos educadores. Por um medo de castrar nossos alunos, mudamos as palavras, como se a castração estivesse em chamar eles de “alunos” e nós de mestres. Assim como achamos que colocar em círculo torna a educação menos opressiva, estatal ou embrutecedora. Mas, como apontamos, a questão é bem mais profunda.

O mestre, na Capoeira, é respeitado porque ele é mestre. E ele é um mestre porque ele é aquele que protege o legado, os fundamentos. Por isso ele deve ser também protegido. E ele só é o mais apto a guardar o legado porque ele é o que mais “exercitou”, o que mais errou, o que mais caiu, o que mais levou rasteira. Nós, somos alunos, porque ainda temos muito a cair, a levar rasteira, a ouvir, a treinar.

A ginga não se aprende em livros, nem a malandragem, nem a sabedoria. Essas coisas se aprendem na prática, aprende-se vivendo e olhando para o que foi vivido. O mestre está ali para nos estimular, para nos inspirar, para nos provocar a darmos nossa própria resposta, sermos criativos.

Um bom mestre é aquele que dá liberdade para seu aluno ser quem ele é. Um bom aluno é aquele que observa seu mestre, o “imita”, mas sem se anular, sem perder sua autonomia e autenticidade. Novamente, isso não se aprende memorizando fórmulas, teorias ou golpes. Aprende-se vivendo e aprendendo com os erros e acertos, permanecendo atento a cada passo e sendo, ao mesmo tempo, uma artista e um lutador. Essa é a Filosofia que defendemos.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

GALLO, Silvio. *Filosofia: experiência do pensamento – Manual do Professor*. São Paulo. Scipione. 2014.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens – O jogo como elemento da cultura*. Trad. de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2007.

REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968, coleção baiana.